

---

# EDUCAÇÃO, FILOSOFIA E LINGUAGEM: Uma experiência no deserto

Affonso Henrique Vieira da Costa  
Carlos Roberto de Carvalho

Neste dossiê, lançamos um olhar em direção ao processo de desertificação em curso e que se espalha por todos os setores da vida humana. É precisamente no âmbito da experiência aqui enunciada que procuramos selecionar os textos, convidando para tal diálogo vários autores de diferentes universidades. Autores que pudessem contribuir para uma reflexão a respeito do tema proposto a partir de suas próprias experiências pessoais ou coletivas com a educação, a filosofia e a linguagem.

Esperamos que com a publicação desse conjunto de textos diversificados e que dialogam com o tema proposto, estejamos, de algum modo, contribuindo também para uma meditação em torno de questões que, a nosso ver, encaminham para uma compreensão daquilo que podemos chamar de contemporaneidade. Questões que interpelam todos os educadores no cotidiano da sala de aula. Como educar *em um* ou *para um* mundo que se revela hostil a todas as formas de vida? Como refletir acerca da experiência do ato responsável de educar no deserto da vida contemporânea?

Foi pensando inicialmente nestas questões que procuramos atentar para nossa experiência em comum a partir de três perspectivas: a da filosofia, a da linguagem e a da educação. Três esferas do conhecimento que são fundamentais *na* e *para* a compreensão de nossa condição humana atual.

Na primeira leitura desses textos, os leitores logo poderão perceber que a crise que aqui nos ocupamos não é somente *disciplinar*, de modo que pudéssemos entendê-la apenas pelos pontos de vista particulares dos especialistas das ciências sociais; tampouco ela é unicamente *interdisciplinar*, de modo que pudéssemos compreendê-la promovendo um diálogo entre os vários campos de conhecimento ou disciplinas, oferecendo-nos vários pontos de vista. A crise é, sobretudo, *transdisciplinar*. É uma crise que se dispõe para além do entendimento que procura agarrá-la, isto é, assegurar-se dela e dominá-la. Antes disso, ela encontra-se em todas as esferas da vida contemporânea atingidas em toda a sua inteireza. Ela é, portanto, espetacular por ser ao mesmo tempo disciplinar, interdisciplinar e transdisciplinar. Como tal, já que ela atinge de modo estupendo a todos e a tudo, ciência alguma poderá produzir de forma isolada uma resposta no mínimo plausível a todas as suas inquietações e provocações.

---

Daí a necessidade, conforme nos ensina Hannah Arendt, de se “pensar sem corrimões”, para além da tradição habitual que tem impregnado nossos atos, nossos hábitos; de se pensar o novo que se impõe desde essa mesma tradição; de se lançar, não mais em direção ao que já foi feito, dito, acabado, construído e comprovado, mas em direção ao nada, ao nada saber, ao esvaziamento dos antigos princípios ou sentidos que, até então, nos presidiram; de se pensar *na* e *pela* experiência incólume dos desertos. Desertos que nos abismam e nos desafiam com antigas perguntas, mas que não podem mais ser respondidas com aquelas respostas que acreditávamos já possuímos. Estas, por sua vez, ainda teremos que recriá-las, reinventá-las desde o âmbito que é o processo de desertificação.

É neste sentido que a metáfora do deserto foi apresentada por nós e acolhida pelos autores que aqui se revelam em seus atos de palavras, atos de pensamentos e obras, contribuindo, assim, competentemente e generosamente com seus textos, com seus enigmas. Eles, mais do que em respostas, lançam-nos em perguntas. Perguntas que, por certo, produzem nos leitores a necessidade de formularem as suas próprias indagações. Pois, mais do que respostas, esse é o momento da espera, da disponibilidade para o pasmo, para o espanto pelo fato de que tudo seja no modo como se nos apresenta no interior do incômodo que é nossa situação: o momento do porquê e da abertura em direção ao vir a ser do próprio mundo, de seu processo de organização e de estruturação.

É diante disso que seus textos talvez nos levem a compreender aquilo que nos esquecemos de perguntar só porque já tínhamos a resposta pronta em algum verbete de dicionário relativo à filosofia, à educação ou à linguagem. Respostas e definições congeladas e acreditadas como pequenos ídolos e, por isso mesmo, esmaecidas pelo tempo e sempre as mesmas, que são atropeladas pelo mundo que constantemente muda e se renova a cada instante desde um sentido que se desdobra em direções imprevisíveis para o senso comum.

A exigência que os nossos autores se impõem é perscrutar o sentido que dirige a própria desertificação. Tal atitude acaba também por exigir do leitor toda uma disponibilidade para a escuta atenta e minuciosa do silêncio que atravessa os ruídos das regiões desertificadas que já atingem há muito tempo todos os rincões do planeta. É no interior dessa trama, digamos desse íntimo relacionamento entre escritor e leitor, que nasce a possibilidade de uma renovação espiritual, de uma reserva de pensamento que se dispõe no aberto de nossa existência no mundo. Cabe-nos aqui ressaltar aquilo exposto por Nietzsche, em seu *Assim falou Zaratustra*, mais precisamente no capítulo que tem por título *Do ler e do escrever*, onde a vida, através da boca de Zaratustra, convida-nos não só a ler, mas, sobretudo, a escrever com sangue, com espírito. A advertência que ela nos dá, deve-se ao simples fato de que se tal não for a exigência daquele que lê e daquele que

---

escreve, haverá, ao contrário, uma contribuição para o esvaziamento do espírito, no sentido de levá-lo à possibilidade de desaparecimento e, com ele, o humano do próprio homem, que não mais conseguirá se conservar à altura de sua existência e, por isso mesmo, será engolido pela desertificação.

Tal fato, exposto por Nietzsche, já de imediato nos constrange a pensar na tarefa árdua que é a do educador, pois o seu traço essencial precisa ser construído a partir da necessidade de se manter em uma tensão em que o aprendizado se disponha como uma lei. Sim, uma lei! Uma que não é posta previamente por ninguém, mas que é encontrada por aquele que descobre em si mesmo a vocação para educar. Essa vocação é que precisa se manter firme no deserto dos desertos. É ela que precisa ainda falar mais alto e manter acesa a possibilidade de, em meio ao processo de nadificação, transformar o humano a partir de um caminho trilhado por ele mesmo diante da perspectiva que torna visível o deserto em seu movimento de desertificação. É somente aí que, tanto os escritores como também os leitores, terão acesso às perguntas e às respostas que escapem de pensamentos solidificados, petrificados, enfim, monumentalizados.

Diante disso – é importante que se ressalte –, o que se pretende não é eliminar o deserto. Tal pretensão estaria ainda, em que pese a sua boa intensão, comprometida com o processo de desertificação. Não há superação do deserto sem o deserto. O deserto, com isso, é decisivo para o desdobramento de novas perspectivas. Embora nele resida o maior dos perigos, como diria Heidegger, é desde o seu interior que também pode medrar o que salva. No entanto, o que salva não é aquilo que nos retira do deserto em direção a um paraíso perdido, onde não precisaríamos mais nos defrontar com a possibilidade da queda. Ao contrário, o que salva só salva justamente por nos permitir estar na tensão em que todas as posições e oposições se instauram e, a partir daí, desde uma medida que se dispõe em um limite de situação, entre toda a possibilidade de ser e de não ser.

Neste sentido, como não pensar no texto de Fernando Mendes Pessoa, cujo objetivo, segundo o próprio autor, é “mostrar uma possível relação entre educação e arte, concebendo a educação ontologicamente como transformação do homem”? Mais ainda: Como não ouvir mais uma vez as palavras de Hölderlin “ [...] e para que poetas em tempo indigente?”, retiradas de sua elegia *Pão e vinho*, que nascem “tanto do perigo que o obscurecimento do mundo e a despotenciação do espírito provocam, quanto da necessidade de despertar o espírito com a poesia”?

Encontramos essa necessidade de despertar o espírito também no texto de Marcia Cavalcante Schuback, *O direito da pergunta*, que, instalando-se no âmbito da linguagem originária, procura pensar, a partir de uma palestra de Derrida, no princípio instaurador do pensamento Ocidental. Aí, onde se pretende colocar tudo em questão, onde se procura abolir as distâncias com relação ao começo, talvez se “possa trazer a linguagem, saturada de dizer, obcecada de verdades

---

negando-se a si próprias, desesperada por não saber esperar, para a margem de um silêncio”. E é justamente deste silêncio que emerge, no meio do deserto, a palavra poética, aquela que transfigura a paisagem em que vivem os homens, trazendo novamente à luz o que antes fora esquecido desde sempre.

Entretanto, ao pensarmos no que seja propriamente uma distância adequada, isto é, dentro de uma determinada medida para poder ver algo, lembramos imediatamente do texto de Ecio Elvis Pisetta, *Funcionalidade e educação: Uma abordagem filosófica*. E qual o porquê? Porque nele encontramos a necessidade de se “tecer uma reflexão mínima acerca de nossa prática educacional em um mundo requisitado pela funcionalidade em diversos níveis”, com o objetivo de pensar, ou seja, “tomar distância em relação ao cálculo, aos métodos, aos interesses políticos, econômicos, ideológicos”. Tal processo acontece “à medida que nosso olhar aprende a encontrar não meramente as coisas ou situações como já postas, como já previamente existentes, mas dá atenção às perspectivas a partir das quais essas coisas se tornam possíveis”.

Essa necessidade de novamente conquistarmos a distância, como nos indica o poeta Fernando Pessoa no preâmbulo do texto acima citado<sup>1</sup>, podemos observar também no texto de Glória Maria Ferreira Ribeiro, *Sobre a relação entre proximidade e distância na Alegoria da Caverna de Platão*, cujo cerne é a questão sobre a relação entre educação e liberdade. Nele podemos ainda perceber como a autora desdobra todos os passos do prisioneiro agrilhado na caverna em direção à libertação a partir de uma transformação do espírito. Segundo a própria autora, “a educação, aqui, não pode ser compreendida como um processo didático, no qual, através de uma série de procedimentos, alguém é levado a conhecer algo.” Bem antes, ela aparece como o percurso de conquista e reconquista para si mesmo de seu limite. E isso, segundo a autora, “não pode ser ensinado ou aprendido como algo que se encontrasse apartado de nós. A educação do filósofo é o exercício radical da solidão”.

Essa liberdade também transparece no texto de Francisco José Dias de Moraes, *Nilismo e educação: questões em aberto*, quando este afirma a importância de se pensar no fato de que sempre nos vemos como os detentores do poder de esclarecimento a respeito do que nos chega por intermédio da tradição. E justamente, por conta disso, “dirigidos por essa perspectiva, sequer somos capazes de perceber a possibilidade de acesso à tradição enquanto conquista própria”. É, portanto, no interior dessa conquista, desconfiando de um saber que tudo pretende esclarecer, assumindo a liberdade de nosso próprio modo de ser enquanto possibilidade de apropriação, que percebemos “o

---

<sup>1</sup> “E outra vez conquistemos a Distância/ Do mar ou outra, mas que seja nossa!”

---

mundo desertificado no qual vivemos” e abrimos espaços para pensar no que se dispõe para além do próprio deserto.

Esse processo de desertificação traz consigo a exigência de poder ir ao seu encontro. Diante dele, sendo atravessado por ele, Nietzsche escreveu: “O deserto cresce: ai daquele que abriga desertos!” Este é o mote que perpassa todo o texto de Robson Costa Cordeiro, *Nietzsche: Desertificação e niilismo*, cujo objetivo é pensar no niilismo como “a força que tudo procura desertificar” e que sempre diz “não ao esforço, ao eterno movimento de *auto-exposição* que é a vida”. O deserto, neste sentido, vai se revelar como “a descomunal força que tudo estrangula e tritura, força essa que é constituída pelo ‘*páthos* do em vão”.

Tais citações nos fazem perceber o quanto estes textos encontram-se entrelaçados pelo fio condutor que é o tema deste número da *Revista Teias*, a saber: *Educação, filosofia e linguagem: Uma experiência no deserto*. Tal identidade já se impõe desde a entrevista com o professor Gilvan Fogel, que se dispôs a pensar conosco acerca do que poderíamos entender por “deserto” em uma época histórica marcada pelo desenvolvimento técnico e tecnológico. Com as suas próprias palavras nos introduzimos no problema: “Este fenômeno, era técnica e deserto, em linguagem de *escola*, talvez de *sacristia*, se refere ao fim, no sentido de plenificação ou de cumulação, da metafísica. Nietzsche diria: a vigência do niilismo, do niilismo europeu.” E continua: “Deserto estaria dizendo niilismo. Mas, de novo: o que é isso — fim (plenificação, cumulação) da metafísica, niilismo europeu?”

A meditação em torno do sentido do deserto nos permitiu ainda ir ao encontro do que é propriamente o ensinar e o aprender e de que maneira poderíamos pensar hoje em educação, em linguagem e em sua articulação. Em torno disso, diz-nos ainda Gilvan Fogel: “Educar não é informar. Informação não é conhecimento, não é saber, não é pensamento, não é criação. Criar não é combinar dados, não é análise combinatória a partir de estereótipos. Informação é dado, é coisa morta.” E, mais uma vez, continua: “À medida que informação grassa e se alastra como praga ou tiririca dizendo-se *a* linguagem, ela, a linguagem, definha, murcha, passa a não *dizer* (mostrar) mais nada.”

O desdobramento do tema ainda se segue quando nos deparamos com o texto de Carlos Roberto de Carvalho e de Flávia Miller Naethe Motta, *Escrever responsável sob as condições do deserto (O compromisso com o outro e a contemporaneidade)*.

Segundo os próprios autores, “as vozes, que se enunciam aqui, são de dois pesquisadores que tomaram para si as palavras de poetas e cientistas, para assim participarem do grande diálogo a

---

respeito do mundo contemporâneo.” Este, por sua vez, é “um mundo caduco que tem se tornado em um imenso deserto.” Mais ainda, eles afirmam que o “mundo é de nossa inteira culpa e responsabilidade.” A elaboração do trabalho partiu da tese proposta por Bakhtin, a saber, “a de que só se pode vencer a aridez dos desertos a partir de uma atitude responsável (corresponsável) em que se conjuguem organicamente estas três esferas da cultura humana, quais sejam: a arte, a ciência e a vida.”

Já Maria Angélica Augusto de Mello Pissetta, em seu texto *Reconstrução do fazer docente: Psicanálise e sociedade*, procura investigar, a partir da “perda dos referenciais modernos em torno das relações sociais, que balizavam as relações entre professores e alunos”, o seu impacto na docência “através da análise do que vem a ser *conhecer* em Vygotsky, Wallon e Freud, bem como discutir a necessidade de (re)construção do fazer docente na perspectiva das mudanças vigentes.” A autora também aborda a necessidade de reformulações do vínculo educativo, de modo a proporcionar a aprendizagem da convivência (Nicolescu).

Por fim, Affonso Henrique Vieira da Costa, em seu texto *Em torno da experiência do deserto*, pretende pensar no entrelaçamento de educação, filosofia e linguagem desde uma experiência no deserto. O convite que ele nos faz é que meditemos, a partir de um texto de Heidegger, “em torno da fundamentação da *Paideia* platônica como começo da desertificação da Terra”, de maneira que se imponha novamente a necessidade de colocar a pergunta inaugural da filosofia, cuja possibilidade só se dá diante da retomada do espanto inicial que vai além do fundamento fundado da realidade em direção ao desdobramento de um processo educativo, criativo e criador, que já se encontra na tensão em que toda desertificação se revela.

Eis, portanto, o propósito do dossiê ora apresentado e o leque de professores que nele apresentam os seus artigos. Conforme enunciamos no início desta apresentação, esperamos que todos aqueles que se disponham a ler estas poucas, mas sinceras páginas, possam, sendo tomados pelas questões aí suscitadas, promover um diálogo em que o que é o próprio deserto possa aparecer cada vez mais em seu processo de desertificação, promovendo, com isso, um pensar desde a sua vigência, de maneira que, por outro lado, se abra a possibilidade de emergir, desde o seu fundo, um pensamento que medite em torno de nossa própria época histórica, fazendo com que possamos, quem sabe um dia, ser contemporâneos de nós mesmos.

---

## REFERÊNCIAS

- ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Trad.: Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária; Salamandra; São Paulo: USP, 1981.
- \_\_\_\_\_. *Entre o Passado e o Futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2003.
- \_\_\_\_\_. *A coisa*. In *Ensaio e conferências*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- \_\_\_\_\_. *A questão da técnica*. In: *Ensaio e conferências*. Trad.: Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Vozes, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Conferências e escritos filosóficos (Os pensadores)*. Trad.: Ernildo Stein. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Introdução à Metafísica*. Trad.: Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Serenidade*. Trad.: Maria Madalena Andrade e Olga Santos. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Ser e Tempo*. Trad.: Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Marcas do caminho*. Trad.: Ênio P. Giachini e Ernildo Stein. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Sobre o humanismo*. Trad.: Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.
- HÖLDERLIN, Friedrich. *Poemas*. Trad.: Paulo Quintela. Coimbra: Atlântida, 1959.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. Trad.: Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- \_\_\_\_\_. *A vontade de poder*. Trad.: Marcos Sinésio Pereira Fernandes e Francisco José Dias de Moraes. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

*Recebido em maio de 2013*  
*Aprovado em junho de 2013*